CONTEXTOS E TERRITÓRIOS NA EDUCAÇÃO ESCOLAR INFANTIL
PRÁTICAS E AÇÕES PEDAGÓGICAS

DANIELA SOARES DOS SANTOS SILVA

RESUMO

A Educação Infantil, como primeira etapa da Educação Básica, exige a valorização dos contextos e territórios vividos pelas crianças, na infância um período profundamente formador, não apenas do ponto de vista do desenvolvimento físico e cognitivo, mas também da construção de memórias afetivas, sensoriais, culturais e emocionais. Mesmo os bebês, desde os primeiros meses de vida, estão construindo referências internas sobre o mundo à sua volta, e essas experiências ficam registradas em suas memórias, influenciando o modo como irão se relacionar consigo mesmos, com os outros e com o ambiente ao longo da vida. Os espaços não são apenas cenário das práticas pedagógicas, mas parte ativa das experiências educativas. Este artigo discute a importância de compreender o território como lugar de pertencimento, cultura, identidade e aprendizagem, e o contexto como elemento essencial para a escuta e valorização da infância. O ambiente, dentro e fora da instituição, é entendido como um educador que dialoga com as crianças e suas múltiplas linguagens.

PALAVRAS-CHAVE: Educação infantil, território, contexto, esculta.

INTRODUÇÃO:

Na Educação Infantil, o espaço e o tempo são dimensões centrais do processo educativo. Muito além de uma sala de aula ou de um cronograma de atividades, os contextos e territórios vividos pelas crianças representam ambientes cheios de sentido, cultura e possibilidade de aprendizagem.

Embora os bebês ainda não tenham memória narrativa (ou seja, não conseguem contar suas lembranças com palavras), eles desenvolvem memórias corporais, emocionais e sensoriais. Essas memórias são construídas por meio de: Toques, vozes e músicas repetidas; Rotinas previsíveis e seguras; Vínculos afetivos com os adultos; Ambientes acolhedores e significativos. Experiências marcantes com o espaço, os objetos e os outros. Essas experiências contribuem para a formação da identidade, para o sentimento de pertencimento e para a segurança emocional da criança.

A Educação Infantil tem papel fundamental na criação de experiências memoráveis e significativas. Cada gesto, ambiente ou proposta pode deixar marcas importantes na memória afetiva da criança, a escola contribui para essa construção quando cria ambientes acolhedores e afetivos, que respeitam os ritmos e as singularidades dos bebês e crianças, proporciona experiências estéticas, sensoriais e simbólicas: música, arte, cores, cheiros, formas e sons ficam gravados como referências afetivas, valoriza rituais e rotinas (como a hora da roda, da música, do lanche ou da história), que ajudam na organização do tempo e criam estabilidade emocional, oferece narrativas, brincadeiras e interações significativas, que contribuem para formar referências culturais e vínculos sociais duradouros, promover a construção de memórias na infância é um processo profundo, silencioso e contínuo. Bebês e crianças não esquecem as experiências que os fazem sentir-se respeitados, acolhidos, escutados e amados. Cabe à escola e aos educadores garantir que essas experiências sejam vividas de forma rica, afetiva e significativa.

Ao criar espaços de afeto, escuta, beleza e respeito, educamos não apenas para o presente, mas para a memória afetiva que acompanhará cada criança por toda a vida, uma escola que reconhece o território como lugar de vida amplia seus muros simbólicos, busca diálogo com a comunidade, realiza passeios pelos arredores, explora a praça, observa a natureza local, valoriza saberes populares e envolve as famílias nos processos educativos. O currículo deixa de ser algo fechado e abstrato, e passa a ser construído com base nas experiências, nas perguntas e nos contextos reais das crianças. Assim, o território se transforma em conteúdo, cenário e ferramenta de aprendizagem.

Na Educação Infantil, o território é mais do que um espaço físico: é um elemento ativo

do processo pedagógico, quando organizado com intencionalidade, afeto e escuta, o território atua como um educador, contribuindo diretamente para o desenvolvimento das crianças em suas múltiplas dimensões, cognitivas, afetivas, sociais, físicas e expressivas. Inspirado em experiências pedagógicas como a de Reggio Emília, o conceito de território-educador nos convida a repensar a escola como um ambiente vivo, interativo e formador de cultura, onde as crianças constroem significados e exercem sua cidadania desde os primeiros anos de vida.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI 2009) e a Base Nacional Comum Curricular (BNCC 2017) reconhecem o papel dos espaços como estruturantes do currículo. Assim, repensar o território e os contextos é uma ação pedagógica fundamental para garantir uma educação que respeite a infância em sua pluralidade.

O TERRITÓRIO COMO LUGAR DE VIDA E PERTENCIMENTO

O conceito de território vai além da noção geográfica, ele envolve relações sociais, culturais, afetivas e políticas que acontecem em um determinado espaço, para as crianças, o território é o lugar onde constroem vínculos, exercem sua curiosidade, experimentam limites e tecem suas primeiras compreensões de mundo. Na perspectiva da Educação Infantil, o território é: Espaço físico: a creche, o pátio, o bairro, a praça; Espaço simbólico: as histórias, as memórias, os modos de viver e brincar; Espaço de direito: onde a criança é vista como sujeito e cidadã. Explorar os territórios próximos à escola, como praças, feiras, ruas e comunidades, amplia o repertório cultural da criança e fortalece o vínculo entre a instituição e a realidade local. A escola não é apenas um prédio onde ocorrem atividades educativas, ela é um território vivo, carregado de histórias, afetos, relações e significados. Pensar a escola como território é reconhecer que ali se constroem identidades, vínculos e experiências que ultrapassam os limites físicos da instituição, é compreender que o território escolar é espaço de vida, cultura e pertencimento.

Território que educa

O território na Educação Infantil compreende todos os lugares que a criança ocupa e vivência em sua rotina: a sala, o solário, pista lúdica, pomar, os corredores, o parque, o refeitório, a horta, a rua, a praça, a comunidade. Ele não é apenas o "cenário" das aprendizagens, mas parte delas. É por meio da relação com o território que a criança: Descobre o mundo ao seu redor; aprende a se mover, explorar, investigar e interagir; constrói noções de tempo, distância, segurança e pertencimento; desenvolve sua autonomia, criatividade e imaginação.

Um território bem cuidado, organizado e rico em possibilidades comunica à criança: "você é importante", "este lugar é seu também", "aqui se aprende com liberdade e respeito". Quando as crianças reconhecem o território como seu, e quando os adultos o respeitam como espaço legítimo de expressão infantil, cria-se um ambiente de vínculo, confiança e pertencimento. O território, então, contribui para: A construção da identidade da criança; O fortalecimento das relações com os outros; A valorização da cultura e da diversidade; A vivência de experiências coletivas e democráticas.

Tanto a BNCC (2017) quanto as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009) destacam a importância do espaço na organização do trabalho pedagógico. A BNCC, por exemplo, orienta que a criança tenha o direito de explorar o mundo físico e social com liberdade e segurança. Teóricos como Loris Malaguzzi, Carla Rinaldi e Emmi Pikler reforçam a ideia de que o espaço comunica, educa e revela o que pensamos sobre a infância. O território, portanto, não é neutro: ele expressa escolhas pedagógicas e éticas.

Na perspectiva da Educação Infantil e das demais etapas da Educação Básica, o território deve ser pensado como espaço educativo e formativo. Isso significa considerar não apenas a estrutura física da escola, mas também: Os ambientes de convivência (como o pátio, os corredores, os jardins); os modos de ocupar os espaços (o brincar, a escuta, a circulação livre); as relações que ali se estabelecem (entre crianças, adultos, famílias, comunidade); E o diálogo com o entorno (bairro, comunidade, natureza,

cultura local). Quando esses elementos são respeitados e potencializados, o território escolar se torna um espaço de acolhimento, identidade e reconhecimento, o sentimento de pertencimento é essencial para o desenvolvimento emocional, social e cultural das crianças, elas precisam se ver, se sentir e se reconhecer no ambiente escolar. Isso acontece quando: Os espaços trazem elementos do cotidiano da criança (suas cores, suas referências culturais, seus modos de falar e brincar); os professores acolhem a diversidade de histórias, origens e modos de viver; O ambiente é organizado para ouvir e valorizar as múltiplas linguagens infantis (corpo, desenho, fala, gesto, movimento); há liberdade para explorar, investigar, criar e transformar os espaços. Nesse contexto, o território não é apenas algo dado: ele é produzido e ressignificado constantemente pelas crianças e adultos que o habitam.

Pensar os territórios da Educação Infantil como educadores é assumir que o espaço não é coadjuvante, mas protagonista no processo educativo. Ele dialoga com as crianças, responde às suas ações, estimula sua curiosidade e expressa valores. Um território bem planejado e vivo amplia as possibilidades de aprendizagem, promove o bem-estar e fortalece a autonomia das crianças. Educar com e a partir do território é um gesto de escuta, de cuidado e de confiança nas potencialidades da infância.

Contextos educativos: escutar e reconhecer a criança

Contextos investigativos na educação são situações pedagógicas intencionalmente planejadas para promover a curiosidade, a exploração, a problematização e a construção de conhecimento por parte dos alunos, especialmente na Educação Infantil. Esses contextos consideram a criança como protagonista da própria aprendizagem, alguém que observa, pergunta, testa hipóteses, interpreta e constrói sentidos sobre o mundo ao seu redor. Cada criança chega à instituição trazendo consigo sua história, sua linguagem, seus costumes e seu modo de ver o mundo. O educador que reconhece os contextos de vida das crianças trabalha com mais respeito, sensibilidade e intencionalidade.

Promover a escuta e o reconhecimento das crianças — inclusive dos bebês — são princípios essenciais de uma Educação Infantil de qualidade, ética e humanizada. Em contextos educativos verdadeiramente inclusivos e respeitosos, a criança é vista como sujeito de direitos, ativa, competente, criativa e produtora de cultura. Escutá-la não é apenas ouvi-la, mas levar a sério sua forma de estar no mundo, seus gestos, expressões, interesses e tempos.

Escutar as crianças e os bebês é um ato de atenção e sensibilidade. Significa observar com cuidado como eles se expressam, como interagem com os outros e com o ambiente, e como constroem saberes desde muito cedo. A escuta deve ser: Intencional: faz parte do planejamento pedagógico; ativa: envolve o corpo, o olhar e a empatia do educador; aberta: acolhe o inesperado, os silêncios e as múltiplas linguagens. No caso dos bebês, que ainda não se comunicam por meio da linguagem verbal, a escuta se dá principalmente por meio da observação das expressões corporais, do olhar, do choro, da reação ao ambiente, das mudanças de humor, reconhecer essas formas de comunicação é fundamental para garantir seu bem-estar e sua participação nos processos educativos.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC 2017) orienta que os bebês e as crianças pequenas tenham seus direitos garantidos, entre eles o direito de participar, expressar-se e conhecer-se. Para isso, é essencial que os contextos educativos estejam abertos à escuta e à valorização do que cada criança tem a dizer, em todas as suas linguagens.

Reconhecer bebês e crianças como sujeitos de direitos é um princípio que está na base dos documentos legais e normativos. Esse reconhecimento pressupõe que as crianças são protagonistas de suas aprendizagens e que têm voz na construção do cotidiano educativo. No entanto, muitas práticas ainda insistem em tratar bebês como seres passivos ou apenas dependentes de cuidados. É preciso romper com essa visão adulto cêntrica e compreender que, mesmo os muito pequenos, têm intenções, preferências, iniciativas e formas próprias de estar no mundo.

Um contexto educativo que escuta e reconhece bebês e crianças precisa ser cuidadosamente pensado. Os espaços, os materiais,

as rotinas e as interações devem convidar à exploração, ao diálogo e à construção conjunta de conhecimento. A escuta se traduz, também, na flexibilidade dos planejamentos e na abertura ao imprevisível — características essenciais do trabalho com a infância. Além disso, o vínculo afetivo entre adultos e crianças é condição essencial para que elas se sintam seguras para se expressarem. A confiança mútua favorece a participação ativa e o sentimento de pertencimento ao grupo e ao espaço educativo.

O espaço e a brincadeira como educador

Inspirada nas experiências de Reggio Emília e em autores como Loris Malaguzzi, a pedagogia contemporânea reconhece o espaço como o "terceiro educador" — ao lado do adulto e das outras crianças. Ambientes organizados, esteticamente cuidados e intencionalmente pensados comunicam respeito, estimulam a autonomia, a criatividade e a escuta mútua.

Compreender que cada infância é única, moldada por experiências familiares, sociais e culturais diferentes, adaptar propostas pedagógicas que respeitem os saberes e vivências trazidas de casa, fortalecer a escuta ativa, permitindo que o planejamento parta dos interesses, perguntas e hipóteses da criança, considerar a diversidade dos territórios, sem impor modelos únicos de comportamento ou aprendizagem, escutar e reconhecer bebês e crianças nos contextos educativos é uma escolha ética, política e pedagógica, é afirmar que toda criança tem algo a dizer, a mostrar, a construir — desde o nascimento. Um contexto que escuta é aquele que respeita, acolhe e transforma as relações de ensino e aprendizagem, quando as crianças se sentem ouvidas e reconhecidas, desenvolvem autonomia, autoestima e sentido de pertencimento. E quando os adultos aprendem a escutar de verdade, os processos educativos tornam-se mais humanos, significativos e potentes. Territórios ricos em materiais naturais, culturais e simbólicos favorecem a investigação, o brincar e a construção de conhecimento. A escola deve promover interações significativas entre o espaço interno e o mundo externo, os territórios do brincar são construídos cotidianamente pelas crianças e educadores, em uma relação viva com o espaço e com o outro. Brincar é um modo legítimo de estar no mundo e deve ser tratado com o mesmo cuidado e intencionalidade que se dá às demais dimensões da educação. Cabe à escola garantir contextos em que o brincar seja livre, criativo, potente — e verdadeiramente reconhecido como forma de aprender e ser.

Como trabalhar contextos e territórios na educação:

Para que os territórios do brincar existam de forma intencional e qualificada, é preciso que os educadores atuem como curadores do espaço. Isso significa organizar ambientes que convidem à ação, que provoquem a curiosidade, que ofereçam materiais diversos e não estruturados, e que favoreçam a autonomia das crianças.

Para fortalecer a compreensão dos territórios do brincar entre os profissionais da Educação Infantil, sugerem-se as seguintes estratégias de formação: Rodas de leitura e debate com textos de autores como Loris Malaguzzi, Paulo Fochi, Adriana Friedmann e Walter Kohan, visitas a centros de educação infantil inspiradores, como as escolas Reggio Emília (Itália) ou projetos brasileiros como o Espaço de Brincar (SP), oficinas práticas de organização de espaços e materiais com foco na escuta estética, sensorial e simbólica, estudos de caso e análise de registros pedagógicos para observar e interpretar o brincar das crianças em contextos reais.

O educador atua como observador, escutador e curador de espaços. Isso significa: Estar atento às brincadeiras das crianças e às narrativas que elas constroem, organizar ambientes com materiais abertos (sem função pré-definida), que convidem à imaginação, respeitar os tempos de exploração das crianças, sem interrupções desnecessárias, documentar o brincar com fotos, registros escritos e vídeos, para refletir sobre as aprendizagens envolvidas.

Territórios se formam a partir do modo como as crianças se relacionam com os ambientes, com os materiais e com os colegas, transformando cada canto em um lugar de expressão e descoberta.

Materiais como tecidos, gravetos, pedras, caixas, cordas e elementos naturais permitem múltiplos significados e ampliam o repertó-

rio lúdico. Além disso, respeitar o tempo de permanência das crianças nas brincadeiras, sem interrupções constantes, é parte essencial de uma escuta sensível aos seus processos, um território de investigação é um espaço (físico e simbólico) onde as crianças são convidadas a explorar, experimentar, levantar hipóteses e construir significados a partir de situações reais, materiais diversos e relações, é um lugar onde a aprendizagem acontece por meio da curiosidade, do encantamento e da autonomia, com o educador como parceiro de descobertas, o educador deve escolher materiais ricos e abertos, que não tenham um único jeito de ser usados e que instiguem a investigação.

Dentro destes territórios são explorados os contextos que é tudo o que compõe a vivência da criança: seu corpo, sua cultura, sua linguagem, seu território, suas relações, sua rotina. Trabalhar com contextos significa partir da realidade da criança para propor experiências com sentido, reconhecer e valorizar as experiências reais, sociais e culturais das crianças como ponto de partida para as propostas pedagógicas, em vez de aplicar conteúdos isolados e prontos, o educador constrói a aprendizagem junto com as crianças, a partir do que elas vivem, sentem, perguntam e exploram no seu cotidiano, o contexto deve favorecer a interação entre as crianças, com os materiais e com os adultos, nessas trocas, surgem perguntas, conflitos, soluções, ideias e invenções. O papel do educador é: Fazer perguntas abertas, promover as investigações sem dar respostas prontas, valorizar os processos mais do que os produtos, estimular a aprendizagem e trocas que ocorrem de maneira natural e criativa.

Escute e observe as crianças

O primeiro passo é estar atento ao que as crianças dizem, perguntam, fazem e demonstram interesse. Suas brincadeiras, falas e olhares revelam temas que podem se transformar em investigações e experiências significativas. Contextualize os saberes, relacionar o que se trabalha em sala com a realidade vivida pelas crianças torna o aprendizado mais relevante, não faz sentido falar sobre o “meio ambiente” de forma abstrata — é mais potente cuidar da horta da escola, visitar a praça do bairro ou investigar o lixo que produzimos. Se as crianças demonstram curiosidade por água, o educador pode montar um território de investigação com: recipientes de diferentes tamanhos, funis, esponjas e colheres, superfícies inclinadas para observar escoamentos, pranchetas com papéis para registrar os achados.

Use registros escritos, fotos ou vídeos para documentar os processos e dar visibilidade às aprendizagens. O educador precisa se colocar como pesquisador da infância: observando, escutando e registrando as interações das crianças com os materiais e com os colegas. Questionar, tentar compreender e dar voz as crianças, suas dúvidas e indagações, tentar descobrir: O porquê dos conflitos? Como elas resolvem problemas? Que perguntas elas fazem? Que hipóteses elas formulam? O que buscam ao explorar o território, quais descobertas são realizadas?

Essas perguntas serviram de registros e documentações que valorizaram, os processos de aprendizagem, assim como darão visibilidade ao trabalho dos educadores. Evite brinquedos prontos que já determinam o uso. Prefira materiais que permitem que a criança "invente o jogo". Um território de investigação precisa ser um ambiente convidativo, acessível e flexível, organize espaços e materiais significativos.

Os contextos se fortalecem com ambientes organizados, acessíveis e ricos em materiais diversos, como: Sucatas, objetos da natureza, tecidos, cordas, caixas; Materiais que dialoguem com a cultura local; Espaços para movimento, expressão artística, leitura e pesquisa. Esses materiais devem estar disponíveis para livre exploração, permitindo que as crianças criem seus próprios caminhos de aprendizagem.

Crie projetos e propostas com sentido, use os contextos como base para projetos investigativos e experiências pedagógicas. A ideia não é apenas "fazer atividades", mas criar situações vivas de aprendizado, em que as crianças participam ativamente. Exemplo: Ao perceber o interesse das crianças por transporte, o educador pode construir um projeto sobre “Como nos movimentamos”, explorando ônibus, bicicletas, sons do trânsito, mapas e até construindo maquetes, envolve a comunidade e as famílias.

Os contextos se ampliam quando a escola se abre para o território onde está inserida. Convidar familiares para contar histórias, organizar passeios pelo entorno ou mapear a cultura do bairro aproxima escola e vida. A escola não é uma ilha. Ela existe em um território vivo, cheio de histórias, saberes, vozes e afetos a comunidade.

Reconhecer a comunidade como parceira da escola significa romper com uma visão fechada e autorreferente da educação, abrindo-se para um processo mais participativo, dialógico e significativo. Essa aproximação fortalece os vínculos, amplia as experiências das crianças e enriquece os processos de aprendizagem. Uma escola que se conecta com sua comunidade é uma escola que acolhe, escuta e compartilha. Isso fortalece o sentimento de pertencimento tanto para as famílias quanto para os profissionais e estudantes. A construção de vínculos entre escola e comunidade ajuda a criar um ambiente educativo mais seguro, afetivo e socialmente relevante. “Educar é um ato político e coletivo” — Paulo Freire.

A comunidade traz consigo uma riqueza de conhecimentos, muitas vezes não reconhecidos pelos currículos formais: saberes populares, práticas tradicionais, ofícios, histórias orais, modos de cuidar da natureza, espiritualidades, entre outros. Um projeto que envolva os moradores na contação de histórias locais resgata memórias e valoriza a identidade cultural das crianças, nos contextos. Convidar membros da comunidade para oficinas (artesanato, culinária, música); visitar feiras, praças, centros culturais locais; criar murais, exposições ou podcasts com vozes dos moradores; fazer “caminhadas investigativas” pelo bairro com as crianças, proporciona momentos que valorizam positivamente, a continuidade dos projetos de territórios. As famílias são os primeiros educadores das crianças e devem ser parceiras reais do trabalho pedagógico. Para isso, a escola precisa ir além de reuniões formais e bilhetes, criando espaços genuínos de escuta, diálogo e construção conjunta, que contribuem, para o processo de desenvolvimento e aprendizagem de crianças.

Mais do que cenário, territórios e contextos são ambientes coautores das experiências infantis, o território brincante se forma a partir das ações, intenções e interações das crianças. É um espaço vivo, mutável e relacional, onde os materiais, os colegas e os adultos participam da construção do brincar.

CONCLUSÃO

Pensar em contextos e territórios na Educação Infantil é reconhecer a criança como sujeito ativo, pertencente e construtor de sentidos. É romper com modelos fechados de sala de aula e currículo e abrir as portas para o território como fonte de conhecimento, arte, afeto e cidadania.

Os territórios do brincar são construídos cotidianamente pelas crianças e educadores, em uma relação viva com o espaço e com o outro, brincar é um modo legítimo de estar no mundo e deve ser tratado com o mesmo cuidado e intencionalidade que se dá às demais dimensões da educação. Cabe à escola garantir contextos em que o brincar seja livre, criativo, potente, e verdadeiramente reconhecido como forma de aprender e ser, construir projetos que partem do território vivido pelas crianças fazem mais sentido, envolvem mais as famílias e conectam o currículo à realidade local, a aprendizagem se torna contextualizada, afetiva e crítica.

Ver o território escolar como lugar de vida e pertencimento é um convite a repensar a escola como espaço de relações significativas, de escuta e de protagonismo, ao permitir que crianças e educadores se apropriem dos espaços com liberdade, criatividade e respeito, construímos uma escola que educa para a cidadania, para a convivência e para o reconhecimento do outro. A escola ganha potência quando se reconhece parte de um tecido social mais amplo. Ao convidar a comunidade a participar dos processos educativos, a aprendizagem se torna mais rica, mais humana, os muros da escola deixam de separar e passam a conectar: saberes, pessoas e futuros possíveis.

Mais do que um lugar para “passar o tempo”, a escola torna-se um território de experiências, memória e identidade,onde cada criança pode crescer se sentindo parte, respeitada e pertencente. A qualidade da Educação está diretamente relacionada à capacidade

da instituição de dialogar com a realidade das crianças, respeitando suas histórias, seus espaços de vida e seus modos de ser no mundo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: MEC/SEB, 2009.

MALAGUZZI, Loris. As cem linguagens da criança. Reggio Children, 1996.

RINALDI, Carla. In Dialogue with Reggio Emilia. Routledge, 2006.

KRAMER, Sonia. A infância e sua singularidade. São Paulo: Ática, 2002.

FONSECA, Darlene. Educação Infantil: contextos e culturas. Campinas: Papirus, 2015.

BNCC (2017), que afirma o direito das crianças de explorar e conhecer seu entorno;

DCNEI (2009), que destaca a importância do espaço e das interações na construção do conhecimento;